

Perdendo o chão: enlaces entre o luto e o lar

Andressa Dahmer Colbalchini¹

Amadeu de Oliveira Weinmann²

Resumo

A partir de algumas reflexões psicanalíticas acerca das manifestações do luto, este artigo visa traçar caminhos possíveis para pensar a relação dos sujeitos enlutados com a morada anteriormente compartilhada. De que formas o lar atua sobre o sujeito em trabalho de luto diante da ausência do objeto de amor perdido? Visando enfrentar o desafio de responder a essa questão, planejamos pensar o luto por meio de uma investigação teórica, tendo como autores de base Freud, Lacan e Allouch, em suas ressonâncias com as poéticas do espaço e da paisagem de Bachelard e Collot, respectivamente. Observamos que o lar não se restringe à materialidade da casa, sendo uma construção simbólico-imaginária edificada em conjunto por seus moradores. A perda de um dos elos dessa criação demanda sacrifício e reconstrução, de modo que o lar precisará ser reinventado pelo enlutado de outro lugar simbólico e, algumas vezes, também, em outro lugar literal.

Palavras-chave: Psicanálise. Poética. Perda. Luto. Lar.

1 Doutora em Psicologia Clínica. Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Psicologia pela Universidade do Contestado (UnC). E-mail: andressacolbalchini@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3717-611X>

2 Pós-doutorando do PPG em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia, Serviço Social e Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IPSSCH/UFRGS). Coordenador do Grupo de Trabalho Psicopatologia e Psicanálise da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Anpepp). E-mail: weinmann.amadeu@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4162-9660>

*Eu não sabia que doía tanto
Uma mesa num canto, uma casa e um jardim
Se eu soubesse o quanto dói a vida
Essa dor tão doída não doía assim
Agora resta uma mesa na sala
E hoje ninguém mais fala do seu bandolim
Naquela mesa tá faltando ele
E a saudade dele tá doendo em mim.
(Bittencourt, S., *Naquela mesa*)*

Ao discorrer sobre o luto, sobrevém o desafio de apreender uma experiência presente em toda a parte e de cuja vivência dificilmente se escapa: o sujeito é constituído pelas perdas que enfrenta, como principiou Freud no clássico *Luto e melancolia* (1917) e consolidou em *O eu e o id* (1923). E é justamente por sua presença inexorável – seja na experiência individual de cada um, em representações culturais, seja em esmiuçamentos científicos – que o luto resguarda uma complexidade particular. A sua ubiquidade e a própria característica de escapar à apreensão simbólica fazem dele uma questão que continua sendo bordejada em suas repercussões individuais e coletivas.

Uma das ressonâncias pouco descritas na literatura sobre o luto é a relação com os espaços que eram compartilhados com o objeto de amor perdido. O lar surge nas vizinhanças do luto como uma marca da ausência do sujeito amado, testemunha do vivido que agora ocupa apenas o espaço da memória. Estabelecido como um referencial de passados vividos e futuros sonhados, o lar torna-se palco do trabalho psíquico de simbolizar o indizível da morte do Outro; atribuição que pode ser um sentimento intolerável pelo sujeito agente desse trabalho.

Não são poucas as representações artísticas que retratam algo dessa relação. Na canção escolhida para a epígrafe deste artigo, somos conduzidos pelo compositor, Sérgio Bittencourt, à dor da ausência da pessoa querida manifesta no lar. Ouvimos metais penosos cortejando essa falta, escutamos o bandolim que vibra suas cordas em palhetadas contínuas, entremeando os versos como um choro sem palavras. Enquanto o instrumento chora, o cantor narra o motivo: é o luto pelo pai que se foi, testemunhado em cada espaço que ele costumava ocupar. Também faz referência ao espaço do lar a canção *Pedaço de mim*, de Chico Buarque, na qual o compositor diz que “a saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu”. Nessa música, acompanhando as vozes dos cantores, soam piano e violão entrecortados, oscilando em sobressaltos, da mesma forma como a saudade se insinua sobre os enlutados, quando algum evento cotidiano remete à pessoa que se foi. Atrás das palavras cantadas, os instrumentos ressoam o peso do indizível.

No cinema, figura algo dessa dimensão no filme *Jogo de cena* (2007), de Eduardo Coutinho, no momento em que o diretor filma o relato do luto de uma de suas personagens. A história narrada pela mulher compreende o falecimento do filho, o processo de luto enfrentado com a filha e as repercussões do ocorrido nos anos que se seguiram, em que destacamos a dificuldade de retornar para casa. O espectador vê a personagem em primeiro plano, sentada, com um teatro vazio ao fundo, narrando com visível alegria a rotina que

tinha com os dois filhos. A câmera fixa leva o espectador a prestar atenção nas palavras da personagem, nos olhares e suspiros, no jeito singular de contar sua experiência. Ao se aproximar do relato da morte do filho, a narrativa é cindida por um corte na tomada, o plano se torna mais próximo do rosto da mulher e observamos o olhar dela se perdendo no contracampo que não aparece, como se buscasse as palavras para dizer o impossível.

A ausência do contracampo nos remete à impossibilidade de respostas diante da morte, para a qual cada indivíduo cria ficções singulares. A personagem de Coutinho o faz, entre suspiros e vacilações, relatando como ficou oito meses sem conseguir regressar para casa e, depois de voltar, ter passado cinco anos sem entrar no quarto do filho. Ela encerra a história contando como conseguiu fazê-lo: “aí foi quando eu abri a casa, comecei a mudar as coisas de lugar... e o quarto dele... eu desmontei o quarto dele. [Corte] E hoje a minha vida está mais normal”. Os cortes inseridos na sequência narrativa parecem marcar pontos de ruptura, aos quais se seguem as reconstruções da personagem diante da vida.

Nas produções artísticas citadas, sejam musicais, sejam cinematográficas, é possível perceber que a dimensão simbólica compreendida no território do lar revela os hábitos, rotinas e planejamentos construídos no laço social. É na mesa em que um pai costumava sentar e tocar bandolim que a ausência dele se destaca, ou no quarto no qual um filho dormia, na familiaridade de um espaço repleto de marcas dos sujeitos que ali ambientavam sua vida. Nessa morada compartilhada, parece configurar-se um lugar onde o sujeito pode se localizar e habitar no discurso daqueles com quem convive. É também nesse referencial simbólico que a morte faz um corte, repercutindo no trabalho de luto dos que seguem habitando um espaço agora subtraído.

Conforme Freud (1917/2012), “o luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.” (p. 28). A perda de um ente querido, em especial, confronta o sujeito enlutado com um núcleo irrepresentável dessa experiência excessivamente pessoal e intransferível (Craviotto-Corbellini, 2021). Como nos traz Lacan (1958-1959/2016), “a dimensão propriamente intolerável que se oferece à experiência humana não é a experiência de nossa própria morte, que ninguém tem, mas a da morte de um outro, quando ele é para nós um ser essencial” (p. 360).

Assim, observamos nas obras apontadas o esforço de representar, para além das palavras, algo dessa experiência de perda: sons fragmentados nas músicas, cortes nas imagens cinematográficas, os quais aludem, de alguma forma, à ruptura suscitada pela morte de uma pessoa amada e à dificuldade de sustentar um sentido para ela. Diante de um dizer impossível, emerge a inventividade singular de cada sujeito para produzir sua narrativa, dando contornos à experiência.

Para Lacan (1956-1957/1995), a verdade em essência não existe, ela é criada pela fala, pois se edifica em uma montagem simbólica que é sempre parcial. Desse modo, o simbólico é ficcional, porque é múltiplo, realizando constantemente substituições dos significantes e criando sentidos sempre novos (Marsillac, 2014). Disso resulta que é sempre de um lugar único que o sujeito faz sentido do que lhe ocorre – até da experiência que mais escapa à articulação signifiante: o trauma de uma perda irreversível.

As representações artísticas que introduzem este artigo transmitem verdades singulares sobre um aspecto do luto que se expressa nos espaços do lar, ali onde a vida conjunta se articulava na convivência cotidiana, lugar que de súbito é tomado por uma lacuna. A ausência situada no espaço ressoa sobre os referenciais costumeiros de existência do enlutado, na consistência do dia a dia, nos dizeres e olhares que povoavam a morada. É essa relação entre sujeito e lar diante do luto que este escrito pretende explorar; contudo sem a pretensão de elucidá-la por completo, mas sim de construir uma ponte para fazer borda com o real da perda, manifesta no lar subtraído de seu *ethos* anteriormente compartilhado.

Para cartografar esse caminho, será realizada investigação teórica mediante revisão conceitual dos pressupostos freudianos e lacanianos sobre o luto, bem como das contribuições posteriores de Jean Allouch. A essa etapa se seguirá um estudo das representações do lar, essencialmente a partir da poética do espaço de Gastón Bachelard e da poética da paisagem de Michel Collot, com contribuições de outros autores que tenham recorrido sobre essa temática. Baseando-se nesses dois momentos prévios, serão tecidas considerações sobre a relação sujeito-lar, suas ressonâncias e encadeamentos para os que ficaram depois da perda. Com este estudo, pretende-se contribuir para a ampliação das reflexões a respeito do processo de luto, cuja complexidade se apresenta não apenas no contexto da clínica, mas também nas relações singulares e coletivas dos sujeitos, diante da morte que se presentifica nos espaços da vida.

O luto e seus desdobramentos a partir de Freud

Em contraste com a onipresença da experiência de perda na vida das pessoas, a produção de estudos na literatura psicanalítica sobre o luto é incipiente. O texto capital que trata da temática, *Luto e melancolia*, faz parte de uma série de artigos denominados “metapsicológicos”. Ele descreve os processos psíquicos envolvidos no luto e, a partir disso, produz um estudo comparativo entre essa condição e a melancolia. Afirma o fundador da Psicanálise que, “depois de fazer uso do sonho como protótipo normal das perturbações psíquicas narcísicas, tentaremos esclarecer a essência da melancolia comparando-a com o afeto normal do luto” (Freud, 1917/2012, p. 28).

Trata-se de um texto clássico da Psicanálise, o que não o isentou de alguns questionamentos feitos por autores subsequentes que se debruçaram sobre a temática do luto. Para Maesso (2017), em *Luto e melancolia*, Freud teria atribuído um caráter normal ao luto e patológico à melancolia, na mesma medida em que teria tomado o luto como um processo conhecido e a melancolia como o desconhecido a ser desvendado. Destoando das apresentações mais típicas dos textos psicanalíticos, nos quais os processos psíquicos normais eram extraídos da experiência clínica com o patológico, Dunker (2019) observa uma direção oposta em *Luto e melancolia*. Por ser considerado um processo conhecido e natural, de acordo com os autores citados, o artigo de Freud traria menos esclarecimentos sobre o luto em comparação ao estudo que concede à melancolia.

A definição freudiana de luto, mencionada anteriormente, destaca a reação à perda de uma pessoa querida ou outra abstração que ocupe seu lugar. Havia nesse laço uma ligação libidinal com o objeto perdido, e o trabalho do luto exige que toda a libido seja retirada de

suas ligações com esse objeto, pois a realidade traz à tona o seu veredicto de que o objeto não existe mais (Freud, 1917/2012). Esse processo se dá, de acordo com o texto, de forma lenta e gradual, uma vez que o enlutado prolonga a existência do objeto superinvestindo as lembranças e expectativas relacionadas a ele. Depois de realizado o trabalho do luto, o ego libertaria sua libido do objeto perdido, desfazendo sua ligação com ele.

Em cada uma das recordações e situações de expectativa que mostram a libido ligada ao objeto perdido, a realidade traz à tona o seu veredicto de que o objeto não existe mais e o ego, por assim dizer, indagado se quer compartilhar esse destino, deixa-se determinar pela soma de satisfações narcísicas dadas pelo fato de estar vivo, e desfaz sua ligação com o objeto aniquilado. (Freud, 1917/2012, p. 37).

Em outras palavras, o luto é reconhecido por Freud como um processo finito, cujo término está vinculado ao reconhecimento do que foi subtraído mediante a perda. Uma vez finalizado, a libido pode encontrar seu caminho para um objeto substituto – diferentemente do que ocorre na melancolia, na qual a recusa em abandonar o objeto resulta em uma identificação com ele, que se projeta como uma sombra sobre o eu.

Algumas reformulações significativas na teoria psicanalítica, feitas por Freud após a publicação de *Luto e melancolia*, merecem destaque, pois suscitam algumas questões que parecem ter ficado em aberto no tocante ao luto. Uma delas é a divisão estrutural do aparelho psíquico, realizada em *O eu e o id*, a partir da qual o mecanismo melancólico passa a ser considerado na constituição do caráter do eu.

Se um tal objeto sexual deve ou tem de ser abandonado, não é raro sobrevir uma alteração do Eu, que é preciso descrever como estabelecimento do objeto no Eu, como sucede na melancolia; ainda não conhecemos as circunstâncias exatas dessa substituição. Talvez, com essa introjeção que é uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o Eu facilite ou permita o abandono do objeto. Talvez essa identificação seja absolutamente a condição sob a qual o Eu abandona seus objetos. (Freud, 1923/2011, p. 26).

Desse modo, esse processo “pode possibilitar a concepção de que o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto” (Freud, 1923/2011, p. 26). Nesse caso, a constituição dos sujeitos se dá à medida que traços dos objetos abandonados são incorporados: para Freud, os sujeitos são edificados sobre ausências e renúncias. O luto, por sua vez, desaparece dessas considerações que giram em torno da identificação com um objeto perdido.

Outra reformulação importante da teoria se deu com a publicação de *Além do princípio do prazer* (1920), no qual é introduzido o conceito de pulsão de morte, concebido em função das neuroses traumáticas. Nessa publicação, Freud (1920/2010) identifica o trauma como um acontecimento disruptivo cuja excessividade suplantara a capacidade de elaboração do indivíduo. Nesse sentido, o autor situa a repetição como uma tentativa de lidar, retroativamente, com o ocorrido. Diante dessa guinada na teoria psicanalítica, ficamos carentes de novos estudos a respeito do luto que pudessem esclarecê-lo utilizando as ferramentas teóricas contemporâneas. A perda de uma pessoa amada não foi situada por Freud na gramática do trauma.

Lacan, por sua vez, relega ao tema algumas contribuições, feitas principalmente nos anos iniciais de seu ensino. Ao longo do seminário *O desejo e sua interpretação*, o autor retoma o texto de Freud para estudar a problemática do luto sob uma nova perspectiva: “O que é a incorporação do objeto perdido? Em que consiste o trabalho do luto? Por não estar articulada adequadamente, a questão permanece num estado vago, o que explica a interrupção de toda especulação numa via não obstante aberta por Freud no tocante ao luto e à melancolia” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 360).

A partir da leitura de *Hamlet*, Lacan (1958-1959/2016) descreve o trabalho do luto como semelhante à psicose, na medida em que o buraco no real produzido pela perda oferece um lugar para a projeção do significante fálico, que não pode se articular no nível do Outro. Como consequência, essa relação passa a se estabelecer pelo imaginário, quando “vêm pulular no seu lugar todas as imagens ligadas aos fenômenos do luto. É nisso que o luto se parece com a psicose” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 360). Segundo o autor, o trabalho do luto se apresenta como uma resposta dada à desordem produzida a partir da insuficiência dos significantes em fazer frente ao buraco criado na existência: “é todo o sistema significante que é posto em jogo em torno do menor luto que seja” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 361). O trabalho de simbolização requerido pela perda é realizado no nível do *logos*, tendo os ritos grupais e comunitários um papel central.

A questão fundamental da abordagem lacaniana do luto no seminário *O desejo e sua interpretação* se dá em torno do luto pelo falo, que, consoante o autor, é condição para situar o sujeito na castração e, conseqüentemente, estruturá-lo como sujeito desejante. Nesse sentido, é a partir de um luto estruturante que o lugar do desejo se constitui – um lugar desde sempre perdido (Castilho & Bastos, 2013). Diante da morte de um objeto de amor, portanto, o trabalho do luto conduz a perda à falta.

Nesse contexto, cabe retornar às contribuições de Rudge (2016) concernentes à existência evidenciada por Lacan de um trauma estrutural, advindo do choque do *infans* com a linguagem, em articulação a um trauma contingencial, representado por um acontecimento disruptivo, entre os quais podemos situar a perda de um objeto de amor. Conforme a autora, o sujeito é traumatizável, vulnerável ao trauma em referência à sua própria constituição subjetiva. Desse modo, a falta que causa o sujeito desejante o leva a buscar no Outro o seu suporte e, quando da perda desse Outro, o sujeito é novamente lançado ao desamparo pela perda de um objeto que esteve, afinal, desde sempre perdido.

Assim, mesmo não havendo dedicação exclusiva à elaboração de uma teoria do luto, Lacan contribuiu para a compreensão deste como um processo constitutivo do sujeito desejante, abrindo caminhos para que outros estudos se desenvolvessem. Jean Allouch, psicanalista francês de escola lacaniana, foi um dos que se destacaram nesse sentido. Na obra *A erótica do luto: no tempo da morte seca*, ele discorre a respeito das argumentações teóricas desenvolvidas sobre o luto pelos estudiosos que o precederam: “Freud não podia mais ser tomado como um saber de referência, e Lacan parecia ter faltado ao encontro” (Allouch, 2004, p. 175). É na obra desse autor que a valorização do rito como suporte para a simbolização da perda se expande, enfatizando que o ato público compreende não somente os ritos simbólicos, mas um testemunho do sacrifício de uma parte de si. O luto, para o autor,

teria um fechamento a partir desse sacrifício, assinalando a separação do objeto de amor que fora recoberto pela cor fálica (Maesso, 2017).

Nessa perspectiva, não é apenas o objeto de amor que é perdido, mas também uma parte preciosa de si, uma “libra de carne”, nas palavras de Lacan (1958-1959/2016, p. 351). Allouch (2004) enfatiza o termo “si”, posto que esse pedaço fálico sacrificado apresenta valor de terceira pessoa, algo que é, ao mesmo tempo, dos dois e de nenhum. Em outras palavras, a parte sacrificada é um ponto de enlace e indefinição entre sujeito e objeto, seguindo a lógica moebiana que Lacan, uma e outra vez, retoma em seu ensino (Gleich, 2015). A perda não se restringe, assim, ao objeto destacado da vida, refere-se, ainda, ao que do objeto também é do sujeito. Em síntese, enquanto Freud teoriza, em *O eu e o id*, que a perda produziria a *incorporação* do objeto perdido, Allouch (2004) assinala que o fechamento do luto se produz a partir do *sacrifício* do pedaço de si associado a esse objeto. Dito de outro modo, para Allouch (2004), trata-se não de uma, mas de duas mortes, sendo a exposição pública do sacrifício a condição para “beirar o mais próximo possível essa segunda morte que, só ela, fará da perda uma perda seca” (p. 395).

Uma poética do lar

Lançando o olhar sobre os espaços vividos pelos sujeitos, suas moradas despontam como um lugar representativo do modo como se posicionam na vida e, no caso da convivência cotidiana com pares, também no laço social. A casa é definida pelas relações estabelecidas entre os seus convives e também pela influência dos acontecimentos que compõem a comunidade em que está inserida, seja no âmbito dos vizinhos próximos, seja no escopo da macropolítica social, econômica e ambiental que a engloba (Oliveira, Liberman, & Caliman, 2021). Assim, a morada é marcada pela presença do Outro, quer imediato, como Outro familiar, quer representado pela sociedade e a cultura.

Ao mesmo tempo que a casa se apresenta em uma teia complexa de inter-relações, ela situa um ambiente repleto de memórias, afetos e desejos. Desse modo, resguarda algo de singular de cada morador. É nessa via que a poesia, tão valorizada por Lacan em seu ensino, desponta como uma maneira de lançar outro tipo de compreensão sobre a casa, possibilitando a apreensão do que excede à materialidade das reflexões arquitetônicas. Dois filósofos que contribuíram para a compreensão da relação estabelecida entre o sujeito e os espaços que lhes são estimados são Michel Collot e Gaston Bachelard. A partir de uma abordagem fenomenológica, eles elegeram a poesia para veicular esse saber.

Em ambos os autores, há uma ênfase na elaboração singular do sujeito diante dos espaços que lhes são caros – sejam eles paisagens, casas, entre outros –, espaços esses que não se confundem com o espaço material, objetivamente suposto em uma realidade dada *a priori*. A realidade, como posicionou o criador da Psicanálise, é, afinal, psíquica. Lacan desenvolve essa concepção abordando a realidade psíquica em termos de fantasia, montagem simbólico-imaginária realizada pelo sujeito para fazer frente ao Real incognoscível. No seu último ensino, somos levados a pensar a relação do sujeito com o espaço vivido por meio da inscrição do nó borromeano. No *Seminário 21*, Lacan (1973-1974/2018) aponta a existência

de “três dimensões do espaço habitado pelo ser falante, e essas três dimensões do dito, tal como as escrevo, se chamam o simbólico, o imaginário e o real” (p. 15 e 17, respectivamente). O autor evidencia, assim, “outra maneira de operar com o espaço, com espaço que habitamos realmente... se existe o inconsciente”.

A existência do inconsciente, operada pela linguagem, situa então o corpo falante no espaço vivido e deflete o campo da fenomenologia – cuja ênfase reside na consciência que percebe – para o mais além da experiência consciente do sujeito. Contudo, resguardados os devidos domínios de cada disciplina, é possível tecer diálogos entre ambas, de maneira que o escambo conceitual lance luz sobre a experiência de habitar – em especial, de um habitar que sofre as ressonâncias de uma perda e de um luto.

O sujeito habita o espaço nas imediações de sua fantasia, na qual se enlaçam o simbólico e o imaginário. O sistema perceptivo consciente, para Lacan (1949/1998a), baseia-se na alienação imaginária que recobre a cisão do sujeito e constitui o seu eu, na mesma medida em que constitui a sua imagem corporal em uma Gestalt. A imagem tem, assim, uma função apaziguadora que remete à própria constituição do eu, tendo em vista que é a partir do reconhecimento de seu reflexo que o sujeito reconhece a própria unidade, à imagem e semelhança do Outro. O imaginário incide sobre o sujeito de maneira a atenuar seu desamparo primordial, conferindo-lhe consistência e escamoteando sua incompletude. Segundo Lacan (1949/1998a),

[...] o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (p. 100).

Na Conferência de Genebra sobre o sintoma, Lacan (1975/2007) diz que o homem está capturado pela imagem de seu corpo, o que explicaria o privilégio que a imagem representa para ele: “seu mundo, se é que esta palavra tem algum sentido, seu *Umwelt*, o que o rodeia, ele o corpo-reifica, o faz coisa à imagem de seu corpo” (Lacan, 1975/2007, p. 3). Quinet (2011) reitera que “a realidade para o homem é modelada à sua imagem, assim como o eu é o reflexo do sujeito nos objetos do mundo” (p. 43). A própria constituição da realidade, segundo o autor, implica a construção do imaginário, que atua na formação das fantasias e dos sintomas.

Contudo, se os objetos do mundo estivessem apenas em uma relação narcísica com o sujeito, eles nunca seriam percebidos senão de maneira instantânea, de modo que é o significante que garante sua permanência no tempo (Lacan, 1954-1955/1985). De acordo com Teixeira e Caldas (2017), toda unidade perceptiva necessita, para se constituir, da ligação dos elementos sensoriais numa cadeia de linguagem que lhe confere sentido. Uma vez que o sujeito acede ao falo simbólico indexado ao Nome-do-Pai, há uma mediação fálica que o conecta à cadeia social do discurso, permitindo que a realidade seja percebida e significada de acordo com o modo de narrar do sujeito: “é aí que intervém a relação simbólica. O poder de nomear os objetos estrutura a própria percepção. O *percipi* do homem só pode manter-se dentro de uma zona de nomenclatura” (Lacan, 1954-1955/1985, p. 215).

Como observam Barbosa e Angelucci (2021), é preciso considerar que, ao mesmo tempo que as palavras são de ordem fundamentalmente social, elas também estão impregnadas de subjetividade, memórias e marcas psíquicas singulares. É certo que o sujeito sofre os efeitos de uma estrutura de linguagem compartilhada; entretanto, consoante assinala Soler (2011), ela não é determinista, de modo que o sujeito não é uma marionete de uma estrutura da qual ele, no entanto, não pode escapar. De acordo com Lacan (1959-1960/1988), “a realidade só é entrevista pelo homem, pelo menos no estado natural, espontâneo, de uma forma profundamente escolhida. O homem lida com peças escolhidas da realidade” (p. 63). Assim, o campo perceptivo mediado pelo significante não é unívoco, pois “a equivocidade própria ao significante repercute na realidade percebida pelo sujeito” (Quinet, 2002, p. 45).

De acordo com Breda e Moschen (2017), a estruturação do espaço é efeito da incidência da linguagem sobre o corpo e concerne à posição do sujeito na tessitura simbólica. A linguagem, portanto, confere significação para o espaço percebido de acordo com o modo discursivo singular de apreensão dos objetos do mundo – percepção essa perpassada pela fantasia e *corpo-reificada* pelo sujeito. Dessarte, o sujeito não apenas contempla o lugar que lhe tem alguma importância; ele o vivencia de seu interior, de modo que o espaço externo também se estrutura em si.

Nesse sentido, Nasio (2007) lembra uma passagem de Freud escrita em 1938, poucos dias antes de o pai da Psicanálise morrer, na qual ele cogitava que a espacialidade poderia ser a projeção da extensão do aparelho psíquico, acrescentando que “nosso eu é um eu-extensão; está tanto em nossa cabeça quanto nos seres que amamos, está em nós e fora de nós, dentro da pessoa, animal ou objeto aos quais somos profundamente ligados” (Nasio, 2007, p. 108).

A questão perceptiva é aprofundada por Lacan no *Seminário 11*, no qual o psicanalista parte de um diálogo com a fenomenologia de Merleau-Ponty para situar o sujeito do inconsciente diante do mundo percebido. À percepção consciente, mediada por uma relação imaginária, o autor vincula o plano geométral, correlativo à visão e ao mundo da objetividade especular. O sujeito do inconsciente, por sua vez, se revelaria ali onde é capturado pelo olhar, olhar esse que está do lado de fora e o cativa na sua dimensão de desejo. A imagem que lhe captura é distinta do plano geométral, sendo denominada pelo autor como quadro. Para Lacan (1964/1998b), na medida em que “o quadro entra numa relação com o desejo, o lugar de um anteparo central está sempre marcado, que é justamente aquilo pelo que, diante do quadro, sou elidido como sujeito do plano geométral” (p. 106). Em outras palavras, o autor desembaraça o escópico do especular, cindindo o que o sujeito vê objetivamente e o que não vê, mas que o olha enquanto o sujeito sustenta uma função de desejo.

O que Lacan traz com essas colocações é a dimensão pulsional do olhar, o olhar como objeto *a*, que causa o desejo e a angústia no mundo do visível em que está elidido. Segundo Quinet (2002), o olhar se encontra, por exemplo, no prazer escópico da pintura, da paisagem ou da fotografia, ou na angústia da vergonha, da inveja e do ciúme. Trata-se de um objeto invisível que está no fundamento da visibilidade e que faz do sujeito que percebe objeto percebido, posto que “do espetáculo do mundo vem um olhar que me olha e que eu não vejo, embora me sinta afetado por ele” (Quinet, 2002, p. 50). O olhar resguarda,

assim, uma dimensão real, diferindo da percepção visual, que é da ordem do imaginário e é sustentada pelo simbólico.

Desse modo, participam do fenômeno perceptivo o visível, resguardado no campo consciente, imaginário e especular, e também o invisível, no campo inconsciente, real e escópico. O simbólico, conforme afirma Quinet (2002), é o que faz a ponte entre os dois, agindo como barreira ao mesmo tempo que os articula. Na complexidade dessa relação, encontramos um sujeito cindido que, ao ocupar os lugares que lhe são caros, está implicado tanto em sua captura imaginária quanto em sua dimensão de desejo, situado em um espaço que o elide e também o revela.

Nesse sentido, buscamos, em autores que recorreram à linguagem poética para sustentar o paradoxo que permeia a percepção, algum saber que contribua para um entendimento da relação estabelecida entre o sujeito e o lugar estimado. O filósofo francês Michel Collot desenvolve análises de obras literárias como forma de unir a experiência da paisagem ao sensível da linguagem. Collot (2013) enfatiza o conceito de paisagem – que, para ele, é investido de significações e valores – como “todo um imaginário ao qual a ficção e a poesia podem dar sua plena expressão” (p. 23). Para ele, a paisagem não seria dada *a priori*, mas elaborada de acordo com as sensações e imaginações do sujeito, sendo que “nesse estado se confundem o interior e o exterior, o que é sentido e o que é experimentado; longe de apreender o que se oferece a nossos olhos, nós é que somos apreendidos (Collot, 2015, p. 20).

Diante da experiência da paisagem, por se tratar de um fenômeno capaz de escapar à percepção em si, a arte surge para o autor como uma maneira de veicular o que escapa às convenções da figuração e da percepção. A poesia possibilitaria a transmissão de uma sensação intensa que confronta o sujeito com o duplo enigma da presença do mundo e da sua presença nele, no espanto de estar aí. A paisagem, assim, poderia ser experimentada “pela carícia de um contorno, pelo aveludado de uma luz, pelo sabor de um colorido” (Collot, 2015, p. 20), de modo que todas essas sensações se comunicariam entre elas mesmas por sinestesia e suscitariam emoções, estimulando sentimentos e despertando lembranças.

Cartografando um caminho semelhante para pensar a relação com espaços amados, Gaston Bachelard (1978) busca em sua poética do espaço um lugar no qual o sonho e o devaneio possam ter um papel essencial na compreensão da função de habitar. O autor denomina seu procedimento investigativo de topoanálise, integrando a fenomenologia e a Psicanálise, e dialoga com Collot no sentido de que o espaço não pode ser indiferente, “abandonado à medida e à reflexão do geômetra” (Bachelard, 1978, p. 15). A imagem da casa adquire uma posição de destaque entre os espaços estudados pelo autor.

Considerada um corpo de imagens que conferem ao sujeito uma referência de proteção e estabilidade, a casa é, para Bachelard (1978), *locus* de abrigo ao devaneio e ao sonho. Ambos perpassam os espaços habitados, de modo que não existe, para o morador, uma casa concreta que possa ser descrita e medida em termos materiais; dessa forma, a imagem da casa “recusa uma anatomia absoluta” (Bachelard, 1978, p. 35). Evidencia-se, assim, a tessitura simbólica e imaginária do sujeito, cuja fantasia faz a mediação entre o seu corpo e a casa na qual habita – com seus afetos, lembranças e singularidades.

A fim de ilustrar essa relação íntima entre o sujeito e sua morada, Bachelard (1978) elege uma imagem poética contida na obra de Victor Hugo, *Notre-Dame de Paris*. Para Quasímodo, a catedral foi, sucessivamente, o ovo, o ninho, a casa, a pátria e o universo. O vínculo com o espaço vivido, nessa citação e em inúmeras outras contidas no livro de Bachelard, é descrito por meio de uma linguagem carregada de metáforas, as quais também têm importância na obra de Collot (2013), que as considera como um “sinal de convivência entre o pensamento, o espaço e a linguagem” (p. 22).

A expressão idiomática contida no título deste artigo também advém para expor um sentido metafórico, o qual intenta designar a experiência de se haver com o real, o trauma da perda de uma pessoa amada expressa no espaço da casa. “Perder o chão” comumente designa a experiência de ver-se, subitamente, sem o sustento que permite ao sujeito ficar em pé – uma subtração de seus referenciais simbólicos e imaginários para existir no mundo. Nesse sentido, ambos os autores (Bachelard, 1978; Collot, 2013) adotam a linguagem poética como via de acesso ao que do espaço é do sujeito e vice-versa, em uma dialética moebiana interior-exterior cujas reverberações podem ser captadas, em fragmentos, pelos sobressaltos do conhecimento poético. Apesar de trabalharem com constructos diferentes, Collot com a paisagem e Bachelard com a morada, os autores convergem para considerar o papel do sujeito na construção de significados singulares nos (e para os) espaços vividos. Collot (2013) afirma que “um ambiente não é suscetível a se tornar uma paisagem, senão a partir do momento em que é percebido por um sujeito” (p. 26), ressoando a afirmação de Bachelard (1978) de que “o espaço habitado transcende o espaço geométrico” (p. 46).

Todavia, ambos os teóricos privilegiam considerações que tangem às relações individuais com os espaços, em detrimento do que é construído em comunhão com o Outro mediante o laço social. No esteio de uma abordagem poética que intenta elucidar o vínculo sujeito-espaço, é possível pensar a transmutação de uma “casa” em um “lar” em função de um “nós”, de um *ethos* edificado em conjunto no espaço vivido; não obstante, o sujeito só pode significar algo como importante a partir de sua inserção prévia no campo do Outro, na confluência real, imaginária e simbólica que adquiriu a partir do encontro com o Outro.

Ao pensar uma poética do lar, concebe-se algo do laço construído no espaço da casa que se encontra simultaneamente dentro e fora da cadeia discursiva – considerando os esforços da linguagem para significar, os quais coexistem com a impossibilidade de um dizer todo. Também o visível encontra suas manchas nesse espaço, apontando para o que há de pulsional no olhar que captura os sujeitos. Há algo no lar que a palavra e o olho não alcançam, que não é passível de tradução. Ao mesmo tempo, há a consistência e o sentido concebidos na rotina cotidiana, um *ethos* – que se refere tanto à habitação quanto ao hábito – que se manifesta na circulação de significantes articulados ao lar, regimes simbólicos que geram valores e condutas para os que comungam um mesmo espaço.

O lar, nesse sentido, não se restringe à materialidade da casa, tampouco à relação individual do sujeito com o espaço habitado. O lar é construído diariamente nos enlaces de seus moradores, produção de um *locus* no qual podem situar-se nos discursos e na vida. É um espaço que é ao mesmo tempo quadro e representação, por evidenciar o sujeito do plano geométrico e, ao mesmo tempo, elidi-lo, na medida em que dá a ver o seu desejo. No seio

desse paradoxo, há lugar para planos, planejamentos, construções de futuros possíveis; mas também para o que escapa à significação: sonhos, afetos sem nome, restos excluídos de sentido e demais fissuras na lógica simbólica. Pelo enredamento de singularidades, produz-se uma articulação única entre os membros do lar, em que cada um torna-se ao mesmo tempo testemunha e partícipe do território existencial do outro (Oliveira et al., 2021).

Sob o mesmo teto, os sujeitos enfrentam o desafio de se haver com o monólogo atrelado ao gozo incomunicável do corpo, no sentido de criar para si saídas que possam garantir o laço com o Outro (Camargo & Radaelli, 2020). Dessa maneira, na habitação permeada de hábitos, os moradores podem produzir articulações que lhes confirmam parâmetros para existir no mundo: ela é construída pela simultaneidade dos corpos que se realizam como espaço. Orquestrado nesse movimento de criação, o lar é uma invenção dos sujeitos que o ocupam.

Em síntese, cada lar trata de uma arquitetura dinâmica de visíveis e invisíveis, dizíveis e indizíveis, de passados memoráveis, futuros imaginados e de sonhos sonhados em conjunto, delimitados por uma formação singular de sujeitos que constroem e são construídos pela dialética do habitar. E é nesse enlaçamento particular entre sujeito, Outro e lar que o impossível da morte vem fazer seu corte.

Do lar-amparo ao lar-ausência: como voltar para casa?

O luto, conforme exposto, representa uma ruptura traumática na continuidade discursiva do enlutado, desvelando um aspecto real impossível de ser traduzido por meio da linguagem. As ligações rompidas pela morte implicam também uma certa ruptura na relação com o espaço compartilhado, testemunha e partícipe da vida construída em conjunto. Nesse sentido, verifica-se que o habitar é impactado pela infabilidade dessa experiência de perda. É nesse contexto que uma compreensão poética, como referida por Bachelard e Collot, pode veicular um saber que beire ao que a linguagem subordinada ao código não alcança – uma relação perpassada pelo não sentido, sendo esse aspecto acentuado pela morte do objeto de amor.

As obras eleitas para promover a discussão proposta também levantam outras formas de dar contornos ao pesar e transmitir um saber sobre o luto, seja por intermédio da musicalidade, seja mediante as imagens em movimento. Observamos nelas a ruptura, a desagregação, a desorganização subjetiva que a morte institui no enlutado, e vemos o espaço da morada como uma expressão da falta. Sendo o lar uma referência para a localização no discurso do Outro, não surpreende que a perda de um elo dessa ordenação significativa possa advir como uma experiência traumática de desenraizamento e desnorteamento. Como afirma Kehl (2012), o luto não se refere apenas à perda da pessoa amada, mas também ao lugar que o enlutado ocupava no discurso compartilhado e que lhe conferia referências simbólicas de existência: “Ter sido arrancado de uma porção de coisas sem sair do lugar: eis uma descrição precisa e pungente do estado psíquico do enlutado. A perda de um ser amado não é apenas perda do objeto, é também perda do lugar que o sobrevivente ocupava junto ao morto. Lugar amado de amigo, de filho, de irmão” (Kehl, 2012, pp. 18-19).

Tal como um imigrante que não fala a língua do país que o acolhe, o enlutado se vê subtraído do campo discursivo que o englobava cotidianamente. Encontra-se em um

estado – temporário, se considerarmos o trabalho do luto – de refugiado na própria vida. O anteparo da fantasia, a tela protetora que fazia frente ao real traumático, fissura e arrebenta: as montagens simbólico-imaginárias, quaisquer arquiteturas que assumissem, testemunham a impossibilidade de atribuir sentido à perda do objeto de amor. O real da morte ex-siste, e sua ex-sistência ressoa não só no desaparecimento do ente querido, mas em todas as suas imediações, em tudo que se construiu com ele no âmbito da fantasia. A consistência e o sentido com que se mediava a relação do sujeito com o lar, subitamente, dão lugar ao desamparo.

Um testemunho escrito por Gouvêa (2018) ilustra de forma comovente a ruptura estabelecida no lar após a perda: “a saudade invadiu todos os cantos da casa, trazendo a certeza do descontrole sobre o nosso ontem, nosso hoje e, principalmente, sobre o futuro que havíamos combinado. Independente dos nossos sonhos, não haveria amanhã” (p. 185). Por não habitar mais o mesmo *ethos* depois da perda, o enlutado precisa reconstruir o lar de um outro lugar; muitas vezes, literalmente, em outro lugar.

Assim, a perda pode reportar tanto ao lugar simbólico quanto ao literal de localização mediada pelo espaço do lar, como nas ocasiões em que a permanência na casa é evitada. As imagens do lar que guardam as marcas do objeto de amor perdido não mais escamoteiam a incompletude do enlutado, mas a revelam, trazendo consigo o desamparo. O campo de significantes que lhe sustentava vê-se de súbito subtraído, lançando o enlutado ao inefável da perda e do desenraizamento. A dimensão pulsional do olhar, por sua vez, pode revelar sua face mortífera, capturando o sujeito na angústia e na dor.

A narrativa da personagem do filme *Jogo de cena* (2007), referida no início deste artigo, evidencia essa dimensão, na medida em que há um movimento de retirada do ambiente que situava a vida familiar com o filho. É possível observar no relato feito por ela uma carga simbólica intensa atrelada ao lar, no que concerne à vida que havia se edificado lá, junto aos filhos. Tão intensa que conferiu ao lar, juntamente com o objeto de amor perdido, a necessidade correspondente de um trabalho de luto. Assim, na mesma medida em que não se faz o luto apenas pelo falecido, mas também pelos planos e as fantasias construídas em conjunto com ele, também pode ser necessário fazer o luto pelo espaço compartilhado, agora designado como prova inexorável da ausência do objeto de amor perdido.

Considerando as contribuições de Allouch (2004) a respeito do luto, é crucial lembrar que se trata de um processo cujo término exige um sacrifício do que do objeto também é do sujeito. Nessa perspectiva, o lar também se oferece ao sacrifício no trabalho do luto; se não o lar literal, ao menos o lar que representava uma vida conjunta que não existe mais. Da mesma forma que a morte pede a simbolização da perda e a reinvenção da vida, também é preciso recriar o lar.

Na cena citada, a personagem alude a alguns momentos que são marcos de um “começar a viver de novo”, principalmente quando afirma: “aí foi quando eu abri a casa, comecei a *mudar as coisas de lugar* [...]” (*Jogo de cena*, 2007, 56m40s). Os significantes contidos nessa narrativa denotam uma mudança que pode ser vislumbrada tanto na materialidade da casa, na alteração da disposição dos móveis, quanto no lugar ocupado pelo filho falecido na configuração simbólica com que a enlutada medeia a relação com a vida. O corte feito no

plano, que divide essa parte do relato e a que se segue, nos remete ao sacrifício: “e o quarto dele..., eu desmontei o quarto dele. E hoje a minha vida está mais normal”.

Considerações Finais

Há falta porque há linguagem e porque há linguagem há também tentativa de dizer dessa falta, posto que é no encontro com o Outro que se tenta, incessantemente, remediar a incompletude da existência. Nesse percurso, o ambiente no qual se dá o laço com o Outro adquire uma valoração singular. Quando a morte perpetra seu corte nessa relação, ao sujeito é solicitado lidar com o que antes já era furo, mas agora sem o suporte simbólico-imaginário que fazia a função de remediar a falta com palavras, olhares, toques, trocas e rotinas. O confronto com o ambiente especial subtraído pode advir, nesses casos, como uma experiência insuportável.

Retomando as proposições de Collot e Bachelard de que os espaços significativos para os sujeitos são construídos por eles a partir de seus valores, crenças, sonhos e devaneios, infere-se que o trauma da perda demandará algum tipo de reconstrução por parte do enlutado. Reconstrução essa que, em consonância com Allouch, se dará após um sacrifício ritual, no qual a participação coletiva é fundamental. O suporte coletivo para a simbolização da perda possibilita restituir um campo mínimo de significantes que permitam ao sujeito dar sentido à sua experiência de dor.

Se esse processo se dará no mesmo ambiente ou se o sujeito reconstruirá suas significações em outro lugar, apenas ele poderá responder. Como assinala Peres (2012), é possível crer mais ou crer menos em fórmulas diagnósticas tranquilizadoras; no entanto, “coerentes com a Psicanálise, sabemos que um enigma permanecerá, ainda que bordejado. E o enigma nos faz trabalhar” (p. 59).

Por fim, enfatiza-se a necessidade de aprofundamento teórico psicanalítico no tocante ao luto, bem como no que diz respeito a suas relações com os espaços significativos para os sujeitos enlutados. Eventualmente, o estudo dessas representações singulares dadas a partir de um momento excepcional na vida de uma pessoa – a morte de um ente querido – pode proporcionar a apreensão do vínculo que se estabelece habitualmente com os lugares que nos são caros. Território ainda pouco explorado pela Psicanálise, a relação entre sujeito e lugar se apresenta como um campo de pesquisa fértil ainda por ser cartografado.

Se enlutar um lugar estimado implica algum sacrifício da ligação sujeito-espaco que ali se constitui, quais seriam os aspectos em jogo nessa ligação? Trata-se de uma questão que se abre para a multiplicidade das maneiras de habitar, reverberando tanto nos contextos clínicos como nos sociais e políticos. Circunstâncias como as migrações forçadas, os desastres ambientais, os despejos e desapropriações, entre tantas outras, convocam a pensar nas incidências sobre a vida e a subjetividade dos sujeitos afetados, solicitando a escuta e a reflexão do psicanalista para os aspectos envolvidos no perder, mas também no criar (e recriar) o chão.

Referências

Allouch, J. (2004). *A erótica do luto: no tempo da morte seca* (P. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Bachelard, G. (1978). *A poética do espaço* (A. C. Leal & L. V. S. Leal, Trad.). São Paulo: Abril Cultural.
- Barbosa, K., & Angelucci, T. C. (2021). No início do caminho tinha um furo: sujeito, linguagem e figuração do Real. *Revista Subjetividades*, 21(2), e10888. Recuperado de <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e10888>.
- Bittencourt, S. (1972). *Naquela mesa [Canção]*. *Preciso Aprender a Ser Só*. Copacabana.
- Breda, F. P., & Moschen, S. Z. (2017). Paredes movediças: o espaço como efeito de linguagem. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(2), 407-423. Recuperado em 06/08/2024 em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/kTYCb8KyYpSDHRzj3wB8k6K/abstract/?lang=pt>>
- Camargo, K. P. D., & Radaelli, J. (2020). As várias formas de ser e estar nas ruas: uma análise psicanalítica sobre pessoas em situação de rua. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 9(1), 132-151. Recuperado em 06/08/2024 em: <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/297>>
- Castilho, G., & Bastos, A. (2013). A função constitutiva do luto na estruturação do desejo. *Estilos da Clínica*, 18(1), 89-106. Recuperado em 06/08/2024 em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000100006>
- Craviotto-Corbellini, A. (2021). How Can I Give this Pain to Someone Else?: Efectos de estructura del dolor ensimismado. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 63, e021040. Recuperado em 06/08/2024 em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8665202>>
- Collot, M. (2013). *Poética e Filosofia da paisagem* (I. Alves, Trad.). Rio de Janeiro: Oficina Raquel.
- Collot, M. (2015). Poesia, paisagem e sensação (F. Coutinho, Trad.). *Revista de Letras*, 1(34), 17-26. Recuperado em 06/08/2024 em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15974/1/2015_art_mcollottraducao.pdf>
- Coutinho, E. (Diretor). (2007). *Jogo de Cena*. Brasil: Cia. Cinematográfica do Brasil.
- PellegrinoDunker, C. I. L. (2019). Teoria do luto em Psicanálise. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 8(2), 28-42. Recuperado em 06/08/2024 em : <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226>>
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In Freud, S. *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In Freud, S. *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (2012). *Luto e melancolia* (M. Carone, Trad.). São Paulo: Cosac & Naify. (Obra original publicada em 1917).
- Gleich, P. (2015). A erótica do luto no tempo da morte seca. *Correio da APPOA*, 2(7). Recuperado em 16/07/2022 em: <https://apboa.org.br/correio/edicao/248/a_erotica_do_luto_no_tempo_da_morte_seca/240>
- Gouvêa, T. V. S. (2018). Quando o luto chega em casa. In Fukumitsu, K. O. (Org.). *Vida, morte e luto: atualidades brasileiras* (pp. 182-192). São Paulo: Summus.
- Kehl, M. R. (2012). Melancolia e criação. In Freud, S. *Luto e melancolia* (M. Carone, Trad., pp. 9-35). São Paulo: Cosac & Naify.

- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* (M. C. L. Penot & A. Quinet, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1954-1955).
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da Psicanálise* (A. Quinet, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1959-1960).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: as relações de objeto* (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998a). O estádio do espelho como formador da função do eu. In Lacan, J. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1949).
- Lacan, J. (1998b). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (2007). *Conferência de Genebra sobre o sintoma* (R. Smolianinoff, Trad.) (Obra original publicada em 1975). Recuperado em 28/08/2022 em: <<https://campopsicanalitico.com.br/conferencia-em-genebra-sobre-o-sintoma/>>
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (C. Berliner, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1958-1959).
- Lacan, J. (2018). *O seminário, livro 21: os não-tolos erram / os nomes do pai* (F. Denez & G. C. Volaco, Trad.). Porto Alegre: Editora Fi. (Obra original publicada em 1973-1974).
- Maesso, M. C. (2017). O tempo do luto e o discurso do Outro. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(2), 337-355. Recuperado em 06/08/2024 em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/g8mKhDtBM6pMq8cM3Q8gjYf/?format=pdf>>
- Marsillac, A. L. M. (2014). Aberturas utópicas: pesquisa, arte e Psicanálise. *Cadernos de Psicanálise*, 36(31), 11-31. Recuperado em 06/08/2024 em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v36n31/v36n31a01.pdf>>
- Nasio, J. D. (2007). *Meu corpo e suas imagens* (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Oliveira, B. B., Liberman, F., & Caliman, L. V. (2021). Casa, intimidade e cuidado: experiências no projeto Delicadas Coreografias. *Polis e Psique*, 11(3), 230-254. Recuperado em 06/08/2024 em: <<https://doi.org/10.22456/2238-152X.111460>>
- Peres, U. T. (2012). Uma ferida a sangrar-lhe a alma. In Freud, S. *Luto e melancolia* (M. Carone, Trad., pp. 100-137). São Paulo: Cosac & Naify.
- Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais: ver e ser visto na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Quinet, A. (2011). *Teoria e clínica da psicose*. Barueri: Forense Universitária.
- Rudge, A. M. (2016). Sonhos traumáticos na clínica psicanalítica. *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 19(4), 603-615. Recuperado em 06/08/2024 em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2330/233050462002.pdf>>
- Soller, C. (2011). *Lacanian Affects* (B. Fink, Trad.). New York: Routledge.
- Teixeira, A., & Caldas, H. (Orgs.). (2017). *Psicopatologia lacaniana* (Vol. 1). Belo Horizonte: Autêntica.

The Ground Is Slipping from My Feet: Links between Mourning and Home

Abstract

Based on psychoanalytic reflections about the manifestations of mourning, this article aims to outline possible ways to think about the relationship that bereaved subjects maintain with the previously shared home. In what ways does the home cross the subject in mourning in face of the absence of the lost object of love? Aiming to engage in this issue, we seek to think about mourning through a theoretical investigation, based on Freud, Lacan and Allouch in their resonances with the poetics of space and landscape of Bachelard and Collot, respectively. We observed that home is not restricted to the materiality of the house, being a symbolic-imaginary construction built together by its residents. The loss of one of the links in this creation demands sacrifice and reconstruction, so the home will need to be rebuilt by the bereaved from another symbolic place, and sometimes also from another literal place.

Keywords: Psychoanalysis. Poetic. Loss. Mourning. Home.

Se me fué el mundo: vínculos entre el duelo y el hogar

Resumen

A partir de algunas reflexiones psicoanalíticas sobre las manifestaciones del duelo, este artículo tiene como objetivo esbozar posibles caminos para pensar la relación de los sujetos en duelo con el hogar previamente compartido. ¿De qué manera el hogar atraviesa al sujeto en duelo ante la ausencia del objeto de amor perdido? Con el objetivo de abordar esta cuestión, buscamos pensar el duelo a través de una investigación teórica, basada en Freud, Lacan y Allouch en sus resonancias con las poéticas del espacio y el paisaje de Bachelard y Collot, respectivamente. Observamos que el hogar no se restringe a la materialidad de la casa, siendo una construcción simbólico-imaginaria edificada en conjunto por sus habitantes. La pérdida de uno de los elementos de esta creación exige sacrificio y reconstrucción, por lo que el hogar deberá ser reinventado por los dolientes desde otro lugar simbólico, ya veces también desde otro lugar literal.

Palabras clave: Psicoanálisis. Poética. Perdida. Duelo. Hogar.

Un effondrement: le lien entre le deuil et le foyer

Résumé

À partir de quelques réflexions psychanalytiques sur les manifestations du deuil, cet article vise à esquisser des pistes d'études possibles sur le rapport des sujets endeuillés avec le domicile précédemment partagé. De quelle manière le foyer traverse-t-il le sujet en deuil face à l'absence de l'objet d'amour perdu ? Pour faire face à cette question, nous cherchons à penser le deuil à travers d'une enquête théorique, ayant comme base Freud, Lacan et Allouch dans leurs résonances avec les poétiques de l'espace et du paysage de Bachelard et Collot, respectivement. On observe que le foyer ne se limite pas à la matérialité de la maison, mais plutôt à une construction symbolique-imaginaire édifié ensemble par ses habitants. La perte d'un des maillons de cette création exige sacrifice et reconstruction, si bien que la maison devra être reinventé par le endeuillé à partir d'un autre lieu symbolique, et parfois aussi d'un autre lieu physique.

Mots-clés: Psychanalyse. Poétique. Perte. Deuil. Foyer.

Recebido em: 3/12/2022

Aceito em: 28/11/2023